



OS
CO
MEN
TÁR
IOS
DO
AL

𓆎 𓆏
𓆑 𓆒

𓆓 𓆔 𓆕 𓆖 𓆗 𓆘 𓆙 𓆚

𓆛 𓆜
𓆝 𓆞



FERNANDO LIGUORI
**DE FOSSA QUARE:
A COVA DO PORQUE**
A DANAÇÃO INICIÁTICA DA RAZÃO
DA SÉRIE: **O OLHO DE HOOR**

Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei.

INTRODUCTIO



filosofia do Æon de Hórus inicia-se com uma sentença: *Faz o que tu queres há de ser tudo da Lei*. Mas entre o homem e sua Vontade ergue-se uma muralha invisível, revestida de lógica, ética, piedade e temor — um construto que toma a forma da pergunta mais fatal de todas: *Por quê?* O LIVRO DA LEI, especialmente nos versículos II:28–33, não apenas rejeita essa interrogação, mas a amaldiçoa com veemência ritual. O *Porque*, aqui, não é uma simples dúvida — é um demônio da mente, um ídolo lógico, um parasita discursivo que impede a Vontade de se manifestar em sua pureza.

Este ensaio examina a sequência maldita dedicada ao *Porque*, compreendendo-a não como uma negação da razão em si, mas como sua depuração e subordinação. Hadit não condena o raciocínio metódico, mas sua idolatria; não rejeita o pensamento, mas a ilusão de que o pensamento possa substituir a experiência direta do Real. A razão, diz-se, é uma mentira — não porque seja falsa em seus métodos, mas porque ignora o fator *infinito e desconhecido* que permeia toda existência: Hadit, a Vontade, o Silêncio. A danação do *Porque* é, nesse sentido, um ato de amor iniciático: como a espada que corta o véu, ela libera a Estrela da prisão do verbo, da ética e do sistema.

Nos comentários de Crowley, Motta e na presente exegese, traça-se o itinerário completo dessa condenação — do primeiro anátema ao veredito final. Porque é julgado, amaldiçoado, executado. Sua morte marca o nascimento da *gnōsis* solar. E no seu lugar, onde antes havia pergunta, brilha agora o gesto. A Estrela, enfim, age — sem precisar justificar-se.

II:28: *Maledictio Super Quare* — A Maldição sobre o Porque

Este verso inaugura uma sentença teúrgica contra a causalidade como estrutura mental. O *Porque* é amaldiçoado não por sua função cognitiva, mas por sua usurpação da soberania da Vontade. Hadit denuncia o *Por quê?* como prisão lógica que impede a Estrela de brilhar.

Agora uma maldição sobre Porque e seus parentes!

Comentário de Crowley

Isto é dirigido contra aqueles intelectuais mencionados anteriormente. Não existem «padrões de certo». A ética é uma baboseira. Cada Estrela deve seguir sua própria órbita. Ao inferno com o «princípio moral»; não há tal coisa — isso é um delírio coletivo de rebanho, e transforma os homens em gado.¹ Não escute a explicação racional de «quão correto é tudo isso» nos jornais.

Podemos, além disso, considerar o «Porque» como envolvendo a ideia de causalidade, e portanto, de dualidade. Se causa e efeito são realmente inseparáveis, como devem ser por definição, é pura grosseria considerá-los como distintos; eles são dois aspectos de uma única ideia, concebida como sucessiva apenas por conveniência (aparente), ou para o propósito geral, previamente indicado, de compreender e expressar-nos em termos finitos.

Superficial, de fato, é a objeção óbvia a esta passagem, segundo a qual O LIVRO DA LEI estaria repleto de frases que implicam causalidade. Ninguém nega que a causalidade é uma categoria da mente, uma forma ou condição do pensamento que, mesmo não sendo uma necessidade teórica absoluta, é inevitável na prática. A própria ideia de qualquer relação entre duas coisas aparece

¹ [Nota de Motta]: Tal doutrina não torna impossível a «lei e a ordem» ou o «comportamento civilizado»; ao contrário, ela é o primeiro passo rumo à verdadeira civilização. Deveria ser evidente que eu não tenho o direito de impor — ou sequer tentar impor — meus padrões pessoais ao meu vizinho. «Não julgueis, para que não sejais julgados.» Nem tampouco meu vizinho tem o direito de impor os dele a mim. Se ele não gosta dos meus modos, ele é livre para buscar associados mais compatíveis com suas simpatias — e o mesmo se aplica a mim. A sociedade, em resumo, não deve ser uma comunidade de escravos vigiada por «Irmãos Negros», mas uma associação fluida e flexível de homens livres que agem em concerto apenas quando os interesses egoístas de cada um e de todos assim o aconselham. O egoísmo de cada um é a garantia da liberdade de todos. Um negócio — falando francamente — só é mutuamente satisfatório e socialmente sólido quando cada parte sai dele convencida de que «passou a perna na outra». Quando um líder diz aos seus seguidores que chegou a hora de parar de perguntar o que o país (ou seja, ele próprio, é claro!) pode fazer por eles, e começar a perguntar o que eles podem fazer pelo país, é hora de os seguidores elegerem um novo líder. O país deve ser sempre uma função dos cidadãos — e jamais os cidadãos, uma função do país!

[Nota de Motta a edição brasileira]: Note-se que «padrões de Moral» são sempre impostos pelos Irmãos Negros, isto é, a «família» de Porque. Se te batem numa face, vira a outra; se teu inimigo te rouba, perdoa-o; se teu tirano te acossa nesta vida, tanto melhor; quanto mais sofrerest aqui, tanto mais gozarás quando estiveres no céu. Tudo isso calculado para tirar o espírito de iniciativa, de independência e dignidade própria das massas, e torná-las dóceis carneiros à mercê dos tosquiadores. Bem dizia Eça de Queirós que quando uma nação Ocidental deseja fundar um império, ela começa por exportar missionários.

como causal. Mesmo que a declaremos casual, nossas mentes ainda insistiriam que a casualidade em si foi efeito de alguma causa. Nossa experiência diária reforça com força essa convicção; e a excelência mental de um homem parece ser mensurável quase inteiramente em termos da força e profundidade de sua apreciação da causalidade como a alma da estrutura do Universo. Ela é a espinha dorsal da Ciência, que dotou de vértebras o Conhecimento humano — antes um molusco viscoso cujo princípio era a Fé.

Não devemos supor nem por um instante que O LIVRO DA LEI se opõe à razão. Pelo contrário, sua própria reivindicação de autoridade repousa sobre a razão — e nada mais. Ele despreza as artes do orador. Ele faz da razão a autocrata da mente. Mas esse mesmo fato enfatiza que a mente deve cuidar dos seus próprios assuntos. Ela não deve transgredir seus limites. Deve ser uma máquina perfeita, um aparato para representar o universo com precisão e imparcialidade ao seu mestre. O Ser, sua Vontade e sua Compreensão² devem estar completamente além dela. Suas peculiaridades individuais são suas imperfeições. Se nos identificamos com nossos pensamentos ou com nossos instintos corporais, estamos, evidentemente, comprometidos a participar de sua parcialidade. Fazemo-nos itens da interação de nossas próprias ilusões.

Nos versículos seguintes, encontraremos a aplicação prática deste teorema.

Comentário de Motta

Um aspecto técnico deste versículo (e do seguinte) merece ser mencionado. Os Aspirantes devem tomar cuidado para não personificar a ideia de «Porque». Por exemplo, o falecido Rudolf Steiner³ criou um «Ser do Mal» ao qual

² [Nota de Motta a edição brasileira]: (Respectivamente, Kether, Chokmah e Binah) estão completamente além do alcance dela. Suas peculiaridades individuais são as suas imperfeições. Se nos identificarmos com nossos pensamentos ou com nossos instintos corporais, estamos, evidentemente, nos sujeitando a partilhar da parcialidade deles. Fazendo de nós mesmos itens da interação de nossas próprias ilusões.

Durante vários milênios a Humanidade tem estado desenvolvendo aquele plano de consciência que Mme. Blavatsky chamava o Corpo Mental. Chegamos ao ponto agora que esse Corpo está perfeitamente organizado em uma minoria de homens, seus materiais, dos mais grosseiros aos mais rarefeitos, estão presentes em todo ser humano. Para progredirmos além, agora que esse Corpo está formado, é necessário que o submetamos à influência de uma faculdade mais alta. Essa faculdade é simbolizada pelos cabalistas como Binah — a Compreensão. De Conhecimento, todos os homens já são capazes. De Compreensão, pouquíssimos. A única maneira de desenvolvermos a Compreensão consiste em desenvolvermos ao máximo o Corpo Mental — a Razão — e submetê-lo por completo à influência de uma faculdade mais alta — *buddhi manas*, Binah. Este processo é o Próximo Passo na Evolução da Raça, e é chamado a obtenção do Conhecimento e Conversação do Sagrado Anjo Guardião. Assim como o Corpo Mental — *manas* — está agora presente em todos os homens e bastante organizado em um terço da Humanidade, é necessário que a Mente Espiritual — *buddhi manas*, Binah — seja desenvolvida em pelo menos um terço da Humanidade, para que essa possa alcançar, na curva seguinte da espiral, uma posição análoga aquela que ocupa agora quanto ao Plano Mental. Mas para fazermos isto é necessário que a Razão seja completamente disciplinada e submetida a uma faculdade que está tão além do plano do raciocínio que sua Manifestação parece aos homens como se fosse uma Aniquilação, uma Cegueira, uma Escuridão, uma Morte. Veja-se LXV, Vs. 48-56 e os Comentários pertinentes.

³ Rudolf Steiner (1861–1925), fundador da Antroposofia, foi um esoterista austríaco profundamente influenciado pelo teosofismo de H. P. Blavatsky (1831-1891), pelas correntes teosóficas cristãs e pela filosofia idealista alemã. Em sua cosmologia, desenvolveu uma doutrina dual entre duas forças espirituais antagônicas: Lúcifer, símbolo da tentação à hiperespiritualização e ao orgulho intelectual, e Ahriman, representação do materialismo endurecido e da mecanização da consciência. Embora Steiner afirmasse que o verdadeiro equilíbrio entre essas forças só é possível pelo Cristo — a Entidade Solar do Amor, segundo ele encarnada em Jesus de Nazaré —, seu Lúcifer antagônico é descrito como um agente cósmico de ilusão e desvio, próximo da noção thelêmica de *Porque*. Ao caracterizar o Cristo como o *verdadeiro Lúcifer*, Steiner inadvertidamente aproxima-se do axioma

chamou de «Lúcifer» — o falso Lúcifer, já que ele corretamente insistia que o Cristo — 666 — é o verdadeiro Lúcifer. Sua descrição dos poderes e da influência desse «Lúcifer» é, na verdade, a descrição da ideia, ou do conjunto de condições, que Aiwass chama de «Porque». Mas Steiner falhou em perceber que sua própria ideia de «Cristo» também caía na categoria do «Porque»! Steiner foi um membro de grau elevado da *Ordem dos Illuminati*.⁴ Mas thelemitas não são Illuminati. A palavra «Illuminati» implica que você não possui uma luz interior própria — e isto é exatamente a «síndrome do Cão» novamente. «Todo homem e toda mulher é uma estrela.»

A tradução do título latino do Capítulo 188 de LIBER ALEPH é: «Sobre os diferentes trabalhos dos Iluminadores» — e não «dos Illuminati»! Remete-se novamente o leitor a AL I:7–11, 49, e a AL II:5–8, bem como aos Comentários correspondentes.⁵

thelêmico da Besta 666 como portador da Luz — mas recua ao manter a estrutura dualista do Bem e do Mal, típica da era osiriana.

Motta, nesse contexto, acusa Steiner de não perceber que tanto seu *Lúcifer* quanto seu *Cristo* são construtos mentais encapsulados na categoria do *Porque* — i.e. tentativas racionais de sistematizar o Absoluto em símbolos moralmente dicotômicos. Do ponto de vista thelêmico, isso constitui uma falha iniciática: ao projetar a Verdade fora de si (num ser superior iluminante), Steiner permaneceu prisioneiro da *síndrome do Cão*, que busca fora o que só pode ser descoberto como centro — como Hadit. A crítica de Motta é, assim, menos histórica e mais doutrinária: os Illuminati — inclusive os bem-intencionados como Steiner — não realizam a Estrela Interna; apenas refletem sua luz com o filtro da razão moralizada.

⁴ A *Ordem dos Illuminati* foi fundada em 1º de maio de 1776 em Ingolstadt, Baviera, por Adam Weishaupt (1748–1830), professor de Direito Canônico influenciado pelas ideias racionalistas do Iluminismo europeu. Sua proposta era criar uma sociedade secreta que promovesse o progresso da razão, a liberdade de pensamento e a reforma moral e política da sociedade, contrapondo-se tanto ao absolutismo monárquico quanto à influência dogmática das igrejas cristãs, especialmente a católica. Inspirados pela maçonaria — cujas estruturas rituais emularam e modificaram — os Illuminati pretendiam instaurar uma nova ordem mundial baseada em ética racional, filantropia e educação, abolindo o obscurantismo, os privilégios de casta e a superstição.

Contudo, apesar de seu aparente racionalismo secular, os Illuminati operavam em um contexto esotérico altamente ativo: o final do Séc. XVIII viu o florescimento de ordens ocultistas, como a Maçonaria do Rito Escocês, o Martinismo de Louis-Claude de Saint-Martin (1743–1803), o Rosacrucianismo alemão e as escolas hermeticistas francesas, muitas das quais fundiam elementos do Iluminismo filosófico com cosmologias gnósticas e alquímicas. Assim, embora oficialmente se apresentassem como uma sociedade *filosófica*, os Illuminati integravam práticas simbólicas, graus iniciáticos e juramentos secretos — elementos comuns à tradição ocultista.

A crítica de Motta à noção de *Illuminati* está em linha com essa ambiguidade. Para os thelemitas, a ideia de um *iluminado* como aquele que *recebe a luz de fora* — de um Cristo externo, de uma Verdade revelada — é incompatível com a fórmula do Novo Aeon, em que *todo homem e toda mulher é uma estrela*, ou seja, fonte de luz própria, autoluminosa. O modelo iluminista dos Illuminati, embora libertário e antiteocrático, ainda dependia da razão como guia externo e da moralidade como padrão universal, o que para Motta encarna justamente o *Porque* — a compulsão por explicações, causas e modelos fixos que aprisionam a alma. Nesse sentido, o conceito de Illuminati expressa a velha fórmula da Luz como graça, não como Vontade.

⁵ O título latino do Capítulo 188 de LIBER ALEPH, *De Illuminatorum Operibus Diversis*, deve ser traduzido como *Sobre os diferentes trabalhos dos Iluminadores*, e não como *dos Illuminati*. A distinção não é meramente filológica, mas doutrinária. A palavra *Illuminati*, embora historicamente vinculada à sociedade secreta bávara fundada em 1776 por Adam Weishaupt, passou a representar um arquétipo esotérico de iluminação recebida por transmissão externa — um modelo ainda preso à lógica do *Porque* denunciada em LIBER AL. Já *Illuminadores* (iluminadores) refere-se àqueles que, tendo despertado sua própria luz interior, podem iluminá-la nos outros — sem dominação, hierarquia ou dependência.

No Capítulo 188, Crowley instrui que, mesmo entre os verdadeiros Iniciados, há funções diversas: o Abade é Abade, o Cozinheiro é Cozinheiro — independentemente da iluminação de cada um. A Vontade, não o grau, define a função. A *Ordem e Diversidade de Função* dentro da Irmandade reflete, portanto, a Lei de Thelema: cada Estrela em sua órbita, cada um em sua Vontade. Este princípio remete diretamente a LIBER AL I:7–11 e II:5–8, nos quais Aiwass estabelece que cada homem e cada mulher é uma estrela, e que a realização da Vontade é soberana — não há Deus ou estrutura externa que substitua essa centelha. A luz em Thelema não é outorgada por iniciação de uma casta iluminada, mas revelada pela realização direta da própria Vontade Estelar. Assim, os *Iluminadores* são aqueles que brilham — não os que *fornecem luz* a partir de um centro oculto de autoridade.

Comentário de Liguori

Este versículo concentra em si a sentença fulminante contra a mais profunda ilusão do *ruach*: a ilusão de que o universo pode ser justificado, organizado, contido ou compreendido através da causalidade. *Porque* não é apenas uma palavra — é um hábito psíquico, uma prisão lógica, uma estrutura mental que exige causa, fim e sentido. A maldição de Hadit não é dirigida contra o uso da razão, mas contra a sua absolutização — contra o fetiche do *Por quê?* como medida última da realidade. Hadit, sendo o ponto, é antitético ao raciocínio linear; é presença e intensidade, não sucessão ou explicação. A *maldição* é, portanto, um ato de proteção iniciática: livrar o aspirante da necessidade de compreender *por que* ama, *por que* deseja, *por que* existe. Pois enquanto houver *porquês*, não haverá Vontade — e sem Vontade, não há Estrela.

A raiz filosófica do *Porque* é a suposição de dualidade: causa e efeito, bem e mal, certo e errado, sujeito e objeto. Esta é a estrutura mesma do pensamento condicionado. Seus *parentes* — a moralidade, a tradição, a culpa, a lógica de rebanho — são seus derivados naturais. O *Porque* gera sistemas, e os sistemas esmagam indivíduos. Daí o imperativo thelêmico: amaldiçoar não apenas o *Porque* isoladamente, mas toda a sua descendência. Maldição aqui significa descontinuidade: romper a cadeia. A Estrela só acende quando deixa de explicar sua luz e simplesmente brilha.

Crowley articula este versículo com precisão lógica e paradoxo calculado. Ao rejeitar os *padrões de certo* e declarar que *a ética é uma baboseira*, ele não defende o caos, mas a unicidade da órbita de cada Estrela — i.e. a soberania da Vontade individual como critério ético último. Sua crítica ao *princípio moral* não é antinômica, mas anômica: em vez de abolir a Lei, afirma que a Lei não se origina fora, mas dentro — *Faze o que tu queres*. A razão, para Crowley, é útil apenas enquanto representa fielmente o universo ao Eu. O erro está em tomar o mapa pela paisagem, o pensamento pela realidade, a explicação pelo êxtase. Assim, a *maldição* não é irracionalista, mas meta-racional: é a defesa do Inefável contra a usurpação do Discursivo. É o direito do poeta de cantar sem saber por quê.

Motta, por sua vez, enriquece o comentário com uma crítica exemplar à espiritualidade degenerada em moralismo. Sua referência a Rudolf Steiner não é gratuita: é um exemplo concreto de como o impulso iluminador pode ser capturado por estruturas mentais dualistas e restauracionistas — o Cristo de Steiner, ainda que apresentado como *verdadeiro Lúcifer*, é um arquétipo reativo, moralizado, subordinado ao *Porque*. Ao contrastar os thelemitas com os Illuminati, Motta distingue a luz interior da luz projetada. Não é a *iluminação* que Thelema recusa, mas a dependência de fontes externas para acender a lâmpada da alma. Com base no Capítulo 188 de LIBER ALEPH, ele reafirma a distinção iniciática entre função e consecução: um verdadeiro iluminador opera a partir da sua própria estrela, não do reflexo de uma ortodoxia racionalizada. Ao retomar os versículos I:7–11 e II:5–8 de LIBER AL, Motta insere este versículo numa rede mais ampla de ensinamentos sobre o isolamento, a unidade e a inutilidade do discurso diante do real.

As duas notas de Marcelo Motta à edição brasileira de seus comentários ao LIBER AL VEL LEGIS revelam com ainda mais clareza a dimensão política, antropológica e evolutiva do verso II:28. A primeira nota — em que denuncia os *padrões de moral* como instrumentos dos Irmãos Negros — explicita que a maldição sobre o *Porque* é também uma maldição sobre as engrenagens morais que domesticam o espírito humano. Ao descrever os sistemas morais como dispositivos de castração do *impulso divino* das massas — sua iniciativa, independência e dignidade — Motta desmonta a estrutura de culpa e sacrifício herdada da Era de Osíris. A imagem do missionário como vanguarda do império serve de símbolo lapidar para a crítica thelêmica: primeiro se converte, depois se domina. Assim, a *ética* denunciada por Hadit é aquela que sacrifica o indivíduo ao sistema, o desejo à obediência, a Estrela à manjedoura.

Na segunda nota, Motta adota um tom mais elevado e filosófico, articulando o verso ao arcabouço teosofista-cabalístico do desenvolvimento da consciência. Ele distingue entre o uso evolutivo da razão — *manas*, o *corpo mental* — e sua absolutização, que leva à escravidão psíquica. A mente racional, segundo ele, cumpriu um papel evolutivo necessário, mas agora deve ser integrada e superada por uma faculdade superior: *Binah*, a Compreensão, o plano da Mente Espiritual. Este *Próximo Passo na Evolução da Raça* é simbolizado pelo Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardião, um evento que não nega a razão, mas a transfigura — do discurso ao silêncio, da análise à união, do *Porque* ao Êxtase. A citação de LIBER LXV (V:48–56) ilumina essa transição com imagens sublimes: o beija-flor que não obtém o veneno da serpente é aquele que ainda pensa em termos de merecimento e súplica. Já a Íbis que se transforma em serpente, por Vontade própria, é a imagem perfeita da Consciência que alcançou a herança dos Deuses. O veneno — aqui símbolo da Verdade Absoluta e da Realização Mística — não é dado a quem pede, mas se estabelece em quem se torna.

Portanto, a maldição sobre *Porque e seus parentes* é, em última instância, uma bênção oculta: ela expurga o iniciado da moralidade de rebanho, da explicação racional, da impotência vestida de piedade — e o convida ao abismo cintilante da Compreensão. É a maldição que separa os vivos dos mortos. É a espada que, ao cortar o *Por quê?*, revela a glória do *Assim é*.

Este verso é, enfim, uma guinada doutrinária: onde antes havia advertência (v. 27), agora há sentença. O *Porque* é julgado e amaldiçoado. Seu tempo termina — e começa o tempo das Estrelas.

II:29: *Anathema Æternum* — Anátema Eterno

A maldição torna-se absoluta: *Porque* é condenado *para sempre*. O ato de explicar — próprio do Ego e da dúvida — é identificado como traição à espontaneidade divina. A verdade é simples, e toda explicação é máscara da impotência diante do real.

Seja Porque amaldiçoado para sempre!

Comentário de Crowley

Desconfiemos de qualquer explicação. Disraeli⁶ disse: «Nunca convide ninguém para jantar, cuja presença tem que ser explicada». Todas as explicações têm como finalidade disfarçar mentiras, injustiças, ou vergonhas. A Verdade é radiantemente simples.⁷

Comentário de Liguori

Aqui o Livro não apenas continua, mas consagra o exorcismo do *Porque*. A sentença é peremptória e irrevogável: *Seja Porque amaldiçoado para sempre*. Não há redenção para o *Porque*, pois ele não é um erro momentâneo, mas uma forma de consciência corrompida — a forma de consciência que substitui o Ser pela explicação, a experiência pelo julgamento, a Vontade pela justificação. *Porque* não é apenas a racionalização discursiva, mas o centro ilusório em torno do qual gira o Ego autocentrado. Sua maldição é ontológica: não é porque erra, mas porque *usurpa*. Em vez de ser servo da Vontade, ele se torna rei da alma. O Ego não é mal porque é pequeno; é mal porque se julga absoluto.

Ao amaldiçoar *Porque*, Hadit rejeita não a razão disciplinada, mas o *fetichismo da razão* — o estado mental que confunde o reflexo com a realidade. Essa maldição é a fórmula de destruição do Eu ilusório que, por medo de desaparecer, constrói sistemas morais, ideologias e religiões. Mas o que se esconde sob essa estrutura? O medo do Abismo. O medo de Binah. A maldição de *Porque* é o prelúdio da rendição. E a rendição é a glória: pois aquele que se desfaz do *Porque* é aquele que aceita morrer para tornar-se estrela. O *Porque* deve ser amaldiçoado não com ódio, mas com Amor: o Amor que sabe que o tumor precisa ser extirpado para que o Corpo viva. Pois se te identificas com o tumor, morrerás com ele. Mas se te identificas com a Estrela, não precisarás mais perguntar por quê — apenas brilharás.

⁶ Benjamin Disraeli (1804–1881), Primeiro-Ministro britânico e figura proeminente da política e da literatura vitorianas, era conhecido tanto por sua retórica refinada quanto por seu sarcasmo aristocrático. Judeu convertido ao anglicanismo, romancista e defensor do imperialismo britânico, Disraeli encarnava a tensão entre tradição e cinismo, entre pose e cálculo. A frase citada por Crowley — *Nunca convide alguém cuja presença deva ser explicada* — exprime o desprezo da alta sociedade por qualquer tentativa de justificar o que deveria ser evidente por si. No contexto thelêmico, essa citação adquire valor oracular: tudo aquilo que requer justificação racional para ser aceito já trai sua própria falsidade. Crowley, ao invocá-la, satiriza o impulso moderno de buscar validação externa para a existência — o próprio impulso do *Porque*. A frase, que em Disraeli era um código de exclusão social, torna-se aqui um axioma iniciático: o Real não se explica — se manifesta.

⁷ [Nota de Motta a edição brasileira]: A Humanidade tem que transcender a Razão e passar ao estágio de percepção seguinte. Isto não quer dizer que a Razão não será mais usada. Pelo contrário. Ela será usada. Ao invés de ser, como agora, abusada, ou, o que é pior, em vez de lhe ser permitido abusar das faculdades mais altas. Não é a Razão que está sendo amaldiçoada, mas «Porque», isto é, aquele estado de consciência em que o Ego é considerado como centro e coroa do homem, em vez do fantoche que é, instrumento pelo qual o Verdadeiro Ente apreende fenômenos do plano no qual aquele instrumento é criado. O estado de *Porque* é característico dos Irmãos Negros, aqueles que «fecham», isto é, que temem a Aniquilação de Binah por terem identificado sua consciência com o Ego. Segue, naturalmente, que a destruição e dissolução dos Irmãos Negros é inevitável. Mas isto é a graça de Nossa Senhora *Babalon*. A destruição e dissolução dos Irmãos Negros é a Passagem do Abismo, tão cedo o graveto deixe de ser mantido estacionário pelo Jogo das águas (veja-se *LIBER ALEPH*, Cap. 166). A diferença entre a Passagem deles e a Nossa consiste apenas em que passamos porque queremos — e eles passam sem querer. A agonia e relutância deles é compreensível, mas não é motivo para falsa piedade. Seria tolice nos apiedarmos da necessidade de lancetar um tumor no corpo da Humanidade. O tumor é uma doença — a Humanidade é que importa. Se o tumor não pensa assim, azar dele. E se você se identifica com o tumor, em vez de se identificar com a humanidade, azar o seu.

Crowley, com sua concisão paradoxal, vai direto ao cerne: *Desconfiemos de qualquer explicação*. A frase de Disraeli — *nunca convide alguém cuja presença deva ser explicada* — é genial em seu humor cruel. O *Porque* é sempre um alibi: ninguém explica o que é simples. O excesso de explicação é sempre máscara de mentira, manipulação ou vergonha. A Verdade — sendo solar — não precisa de legenda. Para Crowley, a explicação é a corrupção da experiência; é o desejo de proteger o Eu do impacto da realidade. Por isso, ele não amaldiçoa a razão em si, mas a razão usada como trincheira contra o Êxtase. É a máscara que o Mago deve arrancar antes de beijar a Deusa.

Motta aprofunda e verticaliza a maldição. Ele distingue, com clareza técnica, o *Porque* como estado de consciência centrado no Ego — e não como faculdade racional pura. A maldição, nesse sentido, é um julgamento sobre uma forma degenerada da consciência humana: a forma que se recusa à rendição espiritual. A nota sobre os Irmãos Negros é devastadora e libertadora: sua destruição é inevitável, mas é obra da *graça de Babalon*. A diferença entre eles e os Iniciados é que estes se lançam ao Abismo por amor — aqueles, por fatalidade. A evocação do Cap. 166 de LIBER ALEPH dá a chave última: o Irmão Negro é como o graveto parado no fluxo da correnteza. Ele resiste à dissolução. Mas a corrente nunca cessa — e o graveto acabará arrastado. O Amor não teme o horror; ele o contempla como mudança. Assim, a maldição de *Porque* é também o selo do Amor Supremo. O Caminho de Perfeição começa com a aniquilação do *Porque* — e termina em Silêncio.

II:30: *Cessatio Voluntatis* — A Paralisação da Vontade

Quando a Vontade apela ao *Por quê?*, ela se anula. Este verso estabelece a doutrina de que o questionamento da Vontade equivale à sua dissolução. Pensar sobre o impulso é cindir o Ser — e o Mago falha antes de agir.

Se a Vontade pára e grita Por Que, invocando Porque, então a Vontade pára & nada faz.

Comentário de Crowley

Não há «razão» por que uma Estrela deva continuar em sua órbita. Ela que vá! Toda vez que o consciente age, ele interfere com o Subconsciente, que é Hadit. É a voz de um Homem falando, não a voz de um Deus. Qualquer homem que escuta o conselho de «ser razoável» para de ser um revolucionário. Os jornais são Mestres Consumados da Loja de Sofismas N° 333. Eles sempre podem provar a você que é necessário e patriótico, e tudo mais, o fato de você aturar insuportáveis abusos.

O cabalista representa a mente como um complexo de seis elementos, enquanto a Vontade é única, a direta expressão como «A Palavra» do Ser. A mente deve informar a Compreensão, que então apresentará uma ideia simples à Vontade. Esta dará suas ordens de acordo com aquilo, e estas ordens são para serem executadas sem perguntas. Se a Vontade apelar para a mente,

ela se confundirá com ideias incompletas e incoordenadas. O clamor desses gritos coroa a Anarquia, e a ação se torna impossível.⁸

Comentário de Liguori

O versículo é absoluto em sua formulação: toda Vontade que se submete à explicação cessa de ser Vontade. A pergunta *Por quê?* é aqui revelada como um veneno — não porque questionar seja em si negativo, mas porque no plano da Vontade, questionar significa hesitar, e hesitar significa dissolver o impulso original. A Vontade é ato puro, espontâneo, silencioso. Ela não precisa de mediação, justificação ou aprovação. Assim como a chama não precisa explicar por que arde, a Vontade não precisa explicar por que quer. O momento em que ela se volta à razão para perguntar — *por que devo fazer isso?* — é o instante em que já não o fará. Porque *Porque* não responde — ele dispersa. Ele fragmenta o ato em possibilidades, alternativas, inseguranças e cálculos. Onde há *Porque*, há paralisia. Onde há Vontade, há ação. É por isso que no LIVRO 4 Crowley consagra a Verdadeira Vontade o *sátiro*, a força de impulso que dá movimento a ação.

Essa máxima é a verdadeira antítese da moralidade moderna, da racionalidade ocidental e da pedagogia social. O ser humano é educado a obedecer, justificar-se, demonstrar-se digno, encontrar um *propósito*. Mas a Vontade não tem propósito — ela é o propósito. Toda justificação, como já fora dito no verso anterior, é tentativa de travestir um impulso autêntico com uma máscara de aceitação pública. A Vontade nada faz quando se rende ao *Por quê?*, pois nesse ato ela abdica de sua soberania, substitui a Estrela por uma balança. A questão aqui é doutrinária: a Vontade não deve perguntar; deve ouvir o Silêncio.

Crowley trata este verso com precisão simbólica. Ao dizer que *não há razão por que uma Estrela deva continuar em sua órbita*, ele evoca o princípio astronômico-místico de Thelema: cada Estrela é regida por sua própria Lei, sua própria dinâmica interna. Quando a Vontade é pura, ela age como um corpo celeste — inevitavelmente. Mas se ela *pára* para *gritar Por quê?*, o sistema colapsa: a Estrela perde sua órbita. O que era impulso se torna dúvida; o que era direção se torna ruído. Crowley ainda esclarece que a razão *tem* um papel: ela informa a Compreensão (*Binah*), que destila essa informação numa imagem simples, clara e direta para a Vontade agir. A mente é conselheira, mas não soberana. O erro fatal — o *clamor desses gritos* — coroa a anarquia interior, dissolvendo a ação. E assim o aspirante fracassa não por ignorância, mas por querer entender antes de viver.

Motta desenvolve esse princípio com maior refinamento técnico. Sua nota — em referência direta ao Cap. 130 de LIBER ALEPH — desenha a

⁸ [Nota de Motta a edição brasileira]: O parágrafo acima, por Crowley, deveria ser lido em conexão com o que dissemos nas duas notas prévias a respeito da função do *corpo mental* na constituição do Homem. Frequentemente as ordens da Vontade parecem «irrazoáveis» à mente — principalmente se esta mente, infeccionada pelos «padrões de moral e conduta» dos escravos de Porque, tende a interpretar as ordens da Vontade em termos de tais padrões, que são, quando muito, a expressão da constituição de outra Mente, a serviço de outra Vontade (Veja-se LIBER ALEPH, Cap. 130).

hierarquia correta entre Mente e Vontade. A mente pode ser usada como instrumento de precisão, um espelho límpido da experiência — *mas não pode querer*. Se a mente usurpa a Vontade, nasce o *fatal conflito* interno: a alma torna-se campo de batalha entre desejo e dúvida, entre o impulso e o escrutínio. Motta mostra que a razão deve servir, não reinar. E mais: que o fracasso da mente ocorre especialmente quando ela está infectada por padrões morais e mentais alheios — os *modelos* da cultura, da religião, do medo social. A mente, quando educada sob o *Porque*”, não reconhece a Vontade quando ela fala — ela a censura, a julga, a chama de *errada*. Daí sua paralisia.

Por fim, Motta sugere que o *Por quê?* não é apenas um erro técnico — é uma falha espiritual. A mente que exige explicação antes da entrega é a mente que teme ser transformada. A Estrela só brilha quando cessa de perguntar se deve. E quando faz silêncio, ela sabe.

II:31: *Infirmitas Potentiae* — A Invalidação do Poder

O Poder que pergunta já não é Poder, mas dúvida. A consciência do ato enfraquece sua força: a ação verdadeira emana sem hesitação. Este verso consagra o princípio da soberania instintiva da Vontade sobre a razão discursiva.

Se o Poder pergunta por que, então o Poder é fraqueza.

Comentário de Crowley

É ridículo perguntar porque um cachorro ladra. Devemos cumprir nossa própria verdadeira Natureza, devemos fazer nossa Vontade. Questionar isto é destruir confiança em nós mesmos, e assim criar uma inibição. Se uma mulher pergunta a um homem que deseja beijá-la por que é que ele quer fazer isto, ele se torna impotente, o curso de ação para ele é beijá-la à força sem explicações, que é o que ela quer que ele faça quando pergunta.

Poder age: a natureza da ação depende da informação recebida pela Vontade; mas uma vez a decisão seja tomada, reflexão não tem mais nada a ver com o assunto. Poder deveria, de fato, ser absolutamente inconsciente. Todo atleta está cômico de que sua perícia, força e resistência dependem de proibir a mente que interfira com os músculos. Aqui está um simples experimento: segure um peso na mão, com o braço estendido ao nível do ombro. Se você fixar sua atenção firmemente em outro assunto, você pode suportar o esforço muito mais tempo do que se você se permitir pensar no que seu corpo está fazendo.⁹

⁹ [Nota de Motta a edição brasileira]: Frequentemente a mente se rebela quando a Vontade dá uma ordem. A mente se assusta, ou interpreta mal a ordem, ou permite que uma inibição apareça. Isto é um efeito da tara de escravidão hereditária. Durante séculos os nossos antepassados seguiram «padrões de moral» em vez de executarem suas próprias Verdadeiras Vontades (Era-lhes dito que era pecado serem livres). Nestas nossas existências, nós tivemos o exemplo da escravidão desde o berço na conduta de nossos pais. Nossas mentes cheias de hábitos e tendências enraizadas, que são «nossas», mas são farrapos tomados de empréstimo a outros, ou germens de infecção incutidos em nós pela malícia de mentes doentias que pensavam que a virtude alheia consistia em, que o alheio agisse de acordo com seus preconceitos.

É por isso que persistência e fidelidade na execução das práticas da A.:A.: é de tamanha importância. Estas práticas foram visadas com a finalidade única de criar hábitos sadios na mente — de dissolver as inibições e os complexos, e tornar a mente apta a captar as mensagens de sua própria Vontade — e não os hábitos de outras

Comentário de Liguori

Este verso atinge com precisão cirúrgica um dos maiores paradoxos da existência moderna: a hesitação do Poder. Em sua forma pura, o Poder não é uma força de dominação — é a expressão direta da Vontade. Quando o Poder, ao invés de agir, se volta à razão para buscar justificação, ele se trai, porque abdica daquilo que o constitui. O Poder que precisa perguntar *por quê?* já se desconectou de sua fonte. Ele se torna cálculo, não impulso; reflexo, não decisão; fraqueza, não força. Pois toda dúvida é divisão, e todo poder dividido em si mesmo é impotente.

A tradição ocidental, especialmente após séculos de moralidade cristã e racionalismo cartesiano, produziu uma cultura onde o ato precisa sempre ser justificado, medido, controlado. Mas a Verdadeira Vontade não age para justificar-se — ela age para ser. O que o versículo denuncia é a castração interior do Poder — sua degeneração em autocensura. No plano mágico e iniciático, isso é letal: pois todo verdadeiro ato é um gesto de fé na própria Estrela. Questioná-lo é apagar seu brilho antes mesmo de irradiar. Como ensina LIBER VII, só há liberdade quando o manto do escravo é lançado fora — e o manto é o *Por quê?*.

Crowley traduz essa doutrina com imagens cruas, sensuais e racionais ao mesmo tempo. A analogia com o homem que hesita diante da mulher é perfeita: ao pedir permissão para desejar, ele já perdeu o pulso do desejo. O desejo que precisa se explicar tornou-se ansiedade; o beijo que hesita tornou-se impotência. A metáfora do atleta é igualmente eficaz: todo ato de alta performance depende da suspensão do pensamento — da confiança cega no corpo, na prática, na forma. Pensar demais paralisa. Questionar o próprio impulso é desligar a corrente vital que o sustenta. O Poder age, porque assim o faz — e pensar nisso é atrasá-lo. O inconsciente, Hadit, é o verdadeiro motor da ação.

Motta, como de hábito, desvela a raiz mais profunda da questão. Sua nota escava a herança psicossocial do problema: o Poder não hesita por fraqueza natural, mas porque foi *educado a hesitar*. Desde o berço, somos ensinados a duvidar de nossos impulsos, a sentir culpa por nossas Vontades, a temer o prazer, a racionalizar o instinto. Isso não é acaso — é engenharia da escravidão. Os *farrapos* morais herdados de nossos pais, escolas e religiões colonizam a mente, e fazem com que toda ação espontânea soe *errada*. A solução, para Motta, está nas práticas da A·A·: exercícios simples, repetitivos e *ridículos*, que reprogramam a mente para tornar-se espelho da Verdadeira Vontade — e não da vontade dos outros.

A referência final a LIBER VII (VI:22-25) é luminosa. A libertação do escravo começa com um gesto: lançar-lhe um manto, cobri-lo de noite. A noite, aqui, não é ignorância — é o escuro do Silêncio, onde brilha a Estrela. Poucos

Vontades e outras mentes. Práticas como dizer «Vontade» às refeições, saudar o sol nas estações do dia, abrir e fechar nossas cartas de acordo com a Lei, saudar a pessoa em cuja casa comemos ou bebemos com a Lei — tudo isto, praticado com fidelidade durante anos, auxilia nossas mentes a se libertarem de seus preconceitos e de seus reflexos automáticos doentios. Tais práticas parecem ridículas, e são. Elas não são «razoáveis». Mas tampouco é a Vontade «razoável», a não ser para a Razão Iniciada — e quanto mais cedo o Aspirante começar escrupulosamente a executar esta práticas «irrazoáveis» e «ridículas», tanto melhor para ele, pois tanto menos tempo passará antes da «Libertação do escravo» (Veja-se LIBER VII, VI:22-25).

fogos, mas glória. O poder que não se pergunta, que age em silêncio, é o poder do Adepto. E quando esse poder se instala, o escravo desaparece. Resta apenas o homem livre — ou melhor, a Estrela em sua órbita, que não precisa de porquês para continuar a brilhar.

É profundamente fecundo estabelecer aqui uma ponte com a metafísica do poder em Julius Evola — especialmente como desenvolvida em obras como O HOMEM ENTRE AS RUÍNAS,¹⁰ REVOLTA CONTRA O MUNDO MODERNO,¹¹ e A METAFÍSICA DO PODER.¹² O AL II:31, ao declarar que *se o Poder pergunta por que, então o Poder é fraqueza*, está em completa sintonia com a concepção evoliana de *Poder como manifestação daquilo que é anterior à ação* — e, sobretudo, como algo que *é*, e não algo que *precisa se justificar*.

Para Evola, o poder verdadeiro (*potenza*) não é mera força bruta ou ação eficaz; é o *resultado visível de uma verticalidade interior*, de um eixo espiritual inabalável. É um estado ontológico anterior à ação, do qual a ação apenas deriva como um reflexo. Esse poder não se pergunta: ele emana. É por isso que, na tradição dos *kṣatriyas*¹³ e dos reis-sacerdotes, a autoridade se expressa como natural, hierática, silenciosa — não como algo que se debate, que busca se legitimar, que se mede segundo opiniões. Exatamente como no *Liber AL*, onde a Vontade deve ser soberana, não condicionada, não reflexiva.

A frase *se o Poder pergunta por que* equivale, na linguagem de Evola, ao momento em que a *subjetividade moderna invade o domínio do ser*, enfraquecendo a ação com a dúvida psicológica, com a preocupação pela opinião dos outros, com o medo de falhar. O poder então se *psicologiza*, e se torna patológico — ou seja, *deixa de ser poder*.

Evola também insiste que o verdadeiro agente do Espírito age *com silêncio e anonimato*. Esse silêncio, longe de ser inércia, é sinal da *confiança absoluta no Princípio* — como no caso do Iniciado que não discute a Vontade, mas a cumpre. Isso é análogo ao que Crowley expressa ao dizer que o poder *deveria ser absolutamente inconsciente* — ou seja, livre da interferência do Ego discursivo. Assim, tanto em Thelema quanto em Evola, o *agir sem Por quê?* é o índice iniciático de quem ultrapassou a consciência dualista.

Em Evola, esse poder que age sem justificativa também é o fundamento metafísico da *autoridade imperial*, daquilo que ele chama de *autoritas* em oposição ao *potestas*. O verdadeiro soberano não se justifica — ele *é o eixo imóvel em torno do qual o mundo gira*. Esse ponto coincide perfeitamente com o Hadit

¹⁰ Inner Traditions, 2002.

¹¹ Inner Traditions, 1995.

¹² Arktos, 2021.

¹³ A palavra *kṣatriya*, do sânscrito, designa a segunda das quatro *varṇas* (classes sociais) do sistema tradicional indo-ariano, sendo associada à função guerreira, governante e protetora da ordem. Deriva da raiz *kṣatra*, que significa *poder, domínio ou autoridade protetora*, indicando seu papel como guardião do *dharma* (lei cósmica-social). No contexto das tradições védicas, o *kṣatriya* é o homem de ação justa, o portador da espada que defende o rito (*rta*) e a hierarquia sagrada do Cosmos. Ele é o oposto do governante tirânico ou do guerreiro anárquico, pois seu poder está subordinado a uma ordem espiritual — tradicionalmente representada pela casta superior, os *brāhmaṇas* (sacerdotes).

Na filosofia de Julius Evola, o arquétipo do *kṣatriya* é reinterpretado como símbolo do *homem diferenciado*, do *vir verdadeiro*, cuja força provém de uma verticalidade interior e que manifesta em seu agir o reflexo direto de um princípio supraindividual. Assim, o *kṣatriya* representa o poder que não se justifica, mas se afirma como expressão da Ordem — não aquela imposta de fora, mas a que brota do centro imóvel do ser.

thelêmico: o ponto no centro da esfera, que não se estende, mas de onde tudo se move. Por isso, quando Hadit amaldiçoa o *Porque*, ele se alinha com a rejeição evoliana da modernidade subjetivista, humanista, liberal, que precisa justificar toda ação com ética, utilidade, opinião pública ou ideologia.

LIBER AL II:31 pode ser lido como uma síntese em verso da metafísica tradicional do poder em Evola. O ponto crucial da conexão é este: *o poder autêntico não duvida de si, não pergunta, não se fragmenta*. Ele age porque está fundado em algo anterior ao Mundo — e não em justificações do Mundo. A Vontade, para Evola, é expressão do ser que já se encontrou. E para Hadit, a Vontade que hesita não é mais Vontade. Ela caiu do trono. Ela tornou-se escrava.

II:32: *Ratio Mendax* — A Mentira da Razão

A razão é declarada mentirosa por sua incapacidade de apreender o fator *infinito & desconhecido*. Todo discurso é um labirinto que oculta, não revela. A mente opera dentro de limites sensoriais e lógicos, incapaz de tocar o Absoluto.

Também a razão é uma mentira; pois existe um fator infinito & desconhecido; & todas as suas palavras são meandros.

Comentário de Crowley

O «fator infinito e desconhecido» é a Vontade subconsciente. «Avante com o festim!» «Suas palavras» — o engodo plausível dos jornais e das igrejas. Esqueça isso! *Allons! Marchons!*¹⁴

Foi explicado extensivamente em uma nota anterior que «a razão é uma mentira» por natureza. Podemos aqui adicionar certas confirmações sugeridas por esse «fator». A e a (não-A) juntos compõem o Universo. Como *a* é evidentemente «infinito e desconhecido», seu oposto e igual *A* deve sê-lo igualmente. Ainda, a partir de qualquer proposição «S é P», a razão deduz «S não é p»; assim, a aparente finitude e cognoscibilidade de *S* é enganosa, uma vez que ela se relaciona diretamente com *p*.

Não importa qual seja, \aleph_0 — o número dos números naturais — permanece inalterado ao somarmos ou subtrairmos. Há exatamente tantos números ímpares quanto há números no total. Nosso conhecimento está restrito a enunciados sobre as relações entre certos conjuntos de nossas próprias impressões sensoriais; e estamos convencidos por nossas limitações de que um

¹⁴ A expressão francesa *Allons! Marchons!* pode ser traduzida como *Avante! Marchemos!* e remete diretamente ao refrão do hino nacional francês, *La Marseillaise* (1792), composto por Claude Joseph Rouget de Lisle durante a Revolução Francesa. No contexto da canção, essas palavras conclamam os cidadãos à ação revolucionária contra a tirania, funcionando como um grito de guerra libertador: *Aux armes, citoyens! Formez vos bataillons! Marchons! Marchons!*

Crowley, ao evocar esse grito, utiliza-o com ironia simbólica: trata-se de um chamado à libertação da mente frente às amarras da razão discursiva e dos discursos institucionais — *jornais e igrejas*. Tal como os revolucionários romperam com a monarquia em nome da liberdade, o Adepto é chamado a romper com o *Porque* e com o império das explicações — não com a lógica prática, mas com a ilusão de que a razão pode conhecer o *fator infinito & desconhecido*. Aqui, a marcha não é política, mas iniciática: trata-se de marchar rumo ao êxtase, sem o fardo da dúvida.

«fator infinito & desconhecido» deve estar oculto dentro da esfera da qual vemos apenas uma pequena parte da superfície. Quanto à razão em si, o que é mais certo do que o fato de que suas leis são apenas a expressão consciente dos limites impostos sobre nós por nossa natureza animal? E atribuir a elas validade universal — ou mesmo significado — é uma tolice lógica, o delírio de nossa megalomania. A experiência não prova nada; é evidentemente óbvio que somos obrigados a correlacionar todas as observações com a estrutura física e mental cuja veracidade estamos tentando testar. De fato, podemos assumir um axioma «irracional» e traduzir todo o nosso conhecimento em seus termos, sem medo de tropeçar em qualquer obstáculo. A razão não é mais do que um conjunto de regras desenvolvidas pela raça; ela não leva em consideração nada além de impressões sensoriais e suas reações em várias partes do nosso ser. Não há escapatória possível do círculo vicioso de que só podemos registrar o comportamento do nosso próprio instrumento. Concluimos, a partir do simples fato de que ele *funciona*, que deve haver um «fator infinito & desconhecido» agindo sobre ele. Sendo esse o caso, podemos ter certeza de que nosso aparato é inerentemente incapaz de descobrir a verdade sobre qualquer coisa — mesmo que apenas em parte.

Permita-me ilustrar. Vejo uma gota de água. Desconfiando dos meus olhos, coloco-a sob o microscópio. Ainda em dúvida, fotografo e amplio a lâmina. Comparo meus resultados com os de outros. Verifico-os cultivando os germes na água e injetando-os em indigentes. Mas não aprendi absolutamente nada sobre o «infinito & desconhecido» — apenas produzi todo tipo de impressões diferentes, de acordo com as condições nas quais se observa!

E mais: todos os instrumentos usados foram testados e declarados «verdadeiros» com base nas mesmas vistas cujas limitações me levaram à pesquisa.

A ciência moderna finalmente superou a autoconfiança juvenil do Séc. XIX. Agora se admite que os próprios axiomas dependem das definições, e que a «certeza intuitiva» é apenas uma característica do *homo sapiens* — como as orelhas do asno ou o muco da lesma. Que raciocinamos como raciocinamos prova apenas que não podemos raciocinar de outra forma. Não conseguimos mover o maxilar superior; isso não significa que a ideia de movimento seja ridícula. A limitação antes sugere que pode haver uma infinidade de estruturas que o maxilar não consegue sequer conceber. O sistema métrico não é o modo necessário de mensuração. É característica de uma mente não treinada considerar válidos seus próprios processos para todos os homens — e tomar seus próprios juízos como verdades absolutas. Nossos dois olhos veem um objeto sob dois aspectos e apresentam à nossa consciência um terceiro que não corresponde a nenhum deles; na verdade, estritamente falando, não é perceptível à visão, mas ao tato! Nossos sentidos declaram que algumas coisas estão em repouso e outras em movimento; nossa razão corrige esse erro — primeiro, negando que qualquer coisa possa existir sem estar em movimento; segundo, negando que o movimento absoluto possua qualquer significado.

No tempo em que este Livro foi escrito, a ciência oficial repudiava com fúria o «fator infinito & desconhecido», e se agarrava com fé patética à ideia de que a razão era a pedra de toque da verdade. Em uma única sentença, Aiwaz antecipa as descobertas pelas quais os maiores espíritos encarnados nos últimos dez anos tornaram esta década memorável.

Comentário de Motta

Pode-se ver o quanto ele [*Aiwass*] era entusiasta do Movimento Socialista.¹⁵ O «fator infinito e desconhecido» é a Vontade subconsciente, num certo sentido; mas, noutro sentido, é um fator presente em toda equação da Natureza. A Física moderna já não postula leis absolutas para os fenômenos; ela formula seus juízos sob a forma de altas probabilidades. Por exemplo: há uma altíssima probabilidade de que o Sol nascerá no leste amanhã. Mas não há nenhuma negação *a priori* da possibilidade de que ele nasça no oeste — exceto o fato de que, em toda a história registrada, isso nunca foi observado. Este argumento, evidentemente, não é suficiente para anular a possibilidade, e devemos manter a mente aberta sobre o assunto. Se o fizermos, estaremos preparados para a eventualidade do Sol nascer no oeste amanhã, e nos adaptaremos ao fenômeno mais rapidamente do que muitos dos assim chamados cientistas. Já se soube de homens cujas mentes estavam fixas enlouquecerem quando os fatos contrariaram suas ideias.

«As palavras deles» — o significado técnico, é claro, é «palavra» como fórmula de poder. As «palavras» dos Irmãos Negros são sempre, necessariamente, oblíquas, distorcidas. Mas agora também as palavras dos Magos do passado tornaram-se assim — veja-se LIBER AL I:49. Elas são, em relação à Palavra do Æon de Hórus, como a Física de Newton em relação à Física de Einstein.¹⁶ Isso é extremamente importante por causa da inércia natural da

¹⁵ A frase inicial de Motta — *pode-se ver o quanto ele [Aiwass] era entusiasta do Movimento Socialista* — deve ser lida como uma ironia crítica, e não como uma afirmação literal da filiação política de *Aiwass*, a entidade comunicante do Liber AL vel Legis. Trata-se de um comentário sarcástico diante do que poderia parecer, à leitura superficial, uma apologia ao relativismo científico ou à plasticidade social característica de certas vertentes do socialismo do Séc. XX. *Aiwass*, ao afirmar que *a razão é uma mentira* e ao exaltar um *fator infinito & desconhecido*, parece, num primeiro plano, alinhar-se com ideologias libertárias e anti-positivistas.

No entanto, Motta — profundamente crítico de qualquer forma de coletivismo nivelador — lança mão da ironia para destacar o paradoxo: embora *Aiwass* advoque contra a rigidez do racionalismo e da ciência dogmática (algo que poderia ser interpretado como simpatia *socialista*), sua proposta está, de fato, em franca oposição aos princípios fundamentais do igualitarismo materialista. O *movimento socialista*, em sua maioria histórica, despreza justamente esse *fator infinito e desconhecido* — a Vontade Mágica, o Ser transcendente — que constitui o cerne de Thelema. A Verdadeira Vontade, como potência espiritual soberana, é elitista, hierárquica e individual por natureza — o exato oposto do ideal utópico de massa. A ironia de Motta, portanto, não é zombaria de *Aiwass*, mas sim uma alfinetada sutil ao pensamento moderno que, ao negar o Absoluto, termina por substituir o *Porque* por ideologias igualmente limitadoras.

¹⁶ Quando Motta afirma que as palavras dos Magos do passado são para a Palavra do Æon de Hórus o que a Física de Newton é para a Física de Einstein, ele está utilizando uma analogia poderosa entre dois paradigmas científicos para ilustrar a transição entre dois níveis de realidade mágica e espiritual. Isaac Newton (1642–1727), fundador da mecânica clássica, concebeu um universo regido por leis fixas, absolutas e deterministas — um *reino da razão*, onde tudo podia ser calculado a partir de forças mensuráveis e referenciais absolutos como o espaço e o tempo. Albert Einstein (1879–1955), com sua teoria da relatividade, aboliu essas certezas absolutas: o espaço e o tempo tornaram-se funções do observador, e o universo revelou-se dinâmico, curvo, relativo — *incompleto* sem a presença do sujeito.

Motta aplica essa mudança de paradigma ao campo da magia e da religião: assim como a física einsteiniana superou a física newtoniana sem negá-la, a Palavra de Thelema (do Novo Æon) transcende e subsume as Palavras dos Æons anteriores. A magia antiga — mesmo quando eficaz — operava ainda dentro de um universo *fixo*,

mente. Até que o *momentum* thelêmico esteja firmemente estabelecido na vida de um Aspirante, sua mente tenderá continuamente a recair no «mundéu chamado Porque». Ele deve viver como se o «Poderia Ser» fosse o «É», e persistir nesse curso de conduta aparentemente absurdo até que o mundo externo se adapte à sua Vontade. Veja-se LIBER LXV, Capítulo V, versículos 52–56. A adaptação do mundo externo à Vontade é inevitável se a Vontade for a Verdadeira Vontade, porque tu és uma Estrela no Corpo de Nuit. O Espaço Infinito é uma função de ti. Tu és Hadit, e Nuit é teu Complemento. Veja-se LIBER AL II:1. Por isso «o Sucesso é tua prova». (Naturalmente, a ideia inversa também é verdadeira: tu és uma função do Espaço Infinito — veja-se LIBER AL I:1. Mas isso apenas significa que o Terceiro Tipo de Elo Mágico — ver LIVRO QUATRO, Parte III — está sempre presente, como uma forma do Primeiro Tipo.)

Comentário de Liguori

A declaração radical de que *a razão é uma mentira* parece, à primeira vista, um ataque à estrutura cognitiva que sustenta todo o edifício da filosofia e da ciência. No entanto, o que está sendo condenado aqui não é a função racional em si, mas sua absolutização como critério de verdade. Ao afirmar a existência de um *fator infinito e desconhecido*, Hadit — como centro de consciência individual e Vontade — expõe a limitação intrínseca da razão enquanto sistema finito, funcional e adaptativo. A razão é um mapa; mas *Aiwass* fala de um território que transcende todas as cartografias.

A ideia de que *todas as suas palavras são meandros* é uma crítica à razão discursiva que, ao tentar delimitar o real, o fragmenta, o deforma e o afasta da vivência direta. Aqui reencontramos a tese que Aleister Crowley desenvolveu em LIBER B VEL MAGI: a palavra, enquanto fórmula mágica, é eficaz quando nasce do Silêncio. A razão torna-se mentirosa quando se recusa a reconhecer o *fator X*, o vetor oculto, a Vontade como agente trans-racional e teleológico. Tal negação é a própria definição do dogma — e o dogma é sempre o altar do *Porque*.

Crowley, com precisão quase científica, desmantela a pretensão da razão de oferecer conhecimento objetivo. Ele revela que todas as tentativas de mensurar a verdade pela razão estão presas a um instrumento autocontido: a própria mente humana. A experiência sensorial, os axiomas, os sistemas lógicos — tudo gira em torno de um aparato limitado, condicionado e tautológico. Seu argumento — comparando o observador que testa o microscópio com base nas mesmas faculdades sensoriais que suspeita — é uma crítica devastadora à epistemologia empírica. Ao final, a razão é útil, mas não confiável como *toque de Midas* do real.

A frase *Allons! Marchons!* é um chamado à ação inspirada — uma citação da *Marselhesa*, hino revolucionário francês — inserida com ironia e

onde os deuses eram exteriores e os ritos dependiam de causalidade mística. A magia do Æon de Hórus, em contraste, assume a relatividade da experiência, a centralidade da Vontade e a plasticidade do mundo como reflexo da Estrela que o percebe. Assim como Einstein preserva Newton como caso-limite, Thelema incorpora a tradição mágica anterior como *verdade local* — válida, mas não suprema.

entusiasmo. Ao lado da denúncia do *engodo dos jornais e igrejas*, reforça o ímpeto libertário e anárquico de Hadit: *avante com o festim*, não com o debate.

Motta, por sua vez, desenvolve esse raciocínio com um notável senso de atualização epistemológica. Sua alusão à Física moderna — abandonando verdades absolutas em favor de probabilidades operacionais — é um aceno à maturidade intelectual da ciência contemporânea, que já reconhece a validade pragmática, mas não ontológica, de seus modelos. Ao comparar a Palavra do Novo Æon com a Física de Einstein em relação à de Newton, Motta introduz uma noção teológica da mutabilidade paradigmática, em que a *Verdade* é função do Æon — e não de axiomas eternos.

Sua observação sobre a necessidade de viver como se o *Poderia Ser* fosse o *É* é uma reformulação mística do *como se* nietzschiano e do *ato de fé* mágico: a Vontade, quando Verdadeira, reformula a realidade. O *fator infinito e desconhecido*, nesse contexto, é o eixo pelo qual gira o Terceiro Tipo de Elo Mágico, onde não há vínculo causal, mas impacto puro da Vontade sobre o tecido do Mundo.

Ao citar LIBER LXV, Motta ancora essa filosofia em uma alegoria iniciática: o beija-flor, símbolo do desejo frágil e impaciente, morre ao buscar o veneno da serpente sagrada; mas a íbis, imagem do iniciado perseverante, transforma-se em serpente e recebe o veneno. A lição é clara: a Vontade deve amadurecer em silêncio, até tornar-se digna do Mistério.

Essa exegese thelêmica oferece um contraponto à lógica moderna: não rejeita a razão, mas reconfigura sua função. A razão, enfim, é subordinada ao *Logos* encarnado na Estrela. É servo — jamais rei. E o *fator infinito e desconhecido* é Hadit: oculto, mas central, manifestando-se não em demonstrações — mas em sucessos.

II:33: *Damnum Finalis* — A Danação Final

A execução de *Porque* é selada: ele é *danado para um cão*. Hadit encerra o ciclo discursivo e inaugura a libertação da mente. O Mago que transcende a razão não mais precisa justificar o Êxtase — ele o vive.

Bastante de Porque! Seja ele danado para um cão!

Comentário de Crowley

Em meus ensaios «Verdade» (em KONX OM PAX), «O Soldado e o Corcunda», «Eleusis» e outros, ofereci uma demonstração detalhada da natureza autocontraditória da Razão. O ponto central de toda a prova pode ser resumido da seguinte forma: qualquer proposição possível deve ser tão verdadeira quanto sua contraditória; do contrário, o universo deixaria de estar em equilíbrio. Não se trata de uma objeção válida afirmar que aceitar isso destrói a Lógica convencional, pois é exatamente esse o objetivo.

Posso também mencionar, brevemente, uma linha de análise. Pergunto: «O que é (por exemplo) uma árvore?» O dicionário define essa ideia simples por meio de muitas ideias complexas; evidentemente, quanto mais tentamos

esclarecer, mais nos aprofundamos em complexidades. O mesmo se aplica a qualquer «Porque» que se possa colocar. O único mistério existente desaparece como consequência de inúmeros antecedentes, cada um igualmente misterioso.

Fazer perguntas, portanto, é claramente pior do que uma perda de tempo — ao menos se se busca uma resposta.

Há também o ponto de que qualquer proposição do tipo «S é P» apenas inclui P na conotação de S e, portanto, não constitui realmente uma afirmação de relação entre duas coisas, mas uma emenda da definição de uma delas. «Alguns gatos são pretos» significa apenas que nossa ideia de «gato» envolve a possibilidade de aparecer na cor preta — e que a negritude é compatível com aquele conjunto de impressões que reconhecemos como característicos dos gatos. Todo raciocínio pode ser reduzido à forma silogística; logo, o único efeito do processo é tornar cada termo mais complexo. A razão não acrescenta nada ao nosso conhecimento; um sistema de arquivamento não aumenta diretamente nossa correspondência, embora, ao organizá-la, possamos obter uma melhor compreensão dos nossos assuntos.

Assim, a coordenação de nossas impressões pode nos ajudar a controlá-las; mas permitir que a razão nos governe é tão abjeto quanto esperar que a exatidão dos nossos livros contábeis nos dispense, de um lado, da iniciativa, e de outro, das transações reais.

Comentário de Liguori

Este verso representa a culminação de um processo já desenvolvido nos versos anteriores: a maldição de *Porque* enquanto princípio de racionalização do real, obstáculo à Vontade, e artifício dos Irmãos Negros. Aqui, *Porque* já não é apenas refutado, mas condenado, exorcizado do campo da consciência mágica. A lógica discursiva que exige razões, causas e provas é lançada ao status de cão — não no sentido simbólico nobre (como Anúbis, guardião da iniciação), mas como metáfora da vileza e servidão. Trata-se de uma invectiva contra o pensamento moral, metafísico ou psicológico que exige explicações como condição para a ação. A razão, enquanto poder discursivo voltado ao controle, à definição e à delimitação, torna-se — para a lógica de O LIVRO DA LEI — um demônio aprisionador. É preciso destruí-la, não como função auxiliar da mente, mas enquanto usurpadora do trono da Vontade. E se a Vontade é solar, a razão aqui é uma sombra que se imagina luz. Danada seja.

Crowley aqui desenvolve um argumento formal contra a lógica tradicional, alinhando-se à crítica filosófica que, em diversos de seus ensaios (como *Verdade* em KONX OM PAX, O SOLDADO E O CORCUNDA e ELEUSIS), aponta a natureza autocontraditória da razão como estrutura. A tese que *qualquer proposição possível deve ser tão verdadeira quanto sua contraditória* equivale à negação do Princípio de Não Contradição — eixo da lógica clássica — em nome de uma metafísica do equilíbrio, em que os opostos coexistem e se anulam mutuamente. Não se trata, portanto, de uma crítica subjetiva à razão, mas de sua superação como método de aproximação à verdade iniciática.

No ensaio O SOLDADO E O CORCUNDA, por exemplo, Crowley dramatiza essa tensão entre Vontade (ação) e dúvida (interrogação): o corcunda sempre pergunta *Por quê?*, mas o Soldado, por fim, mata-o com um ato de vontade. Em *Verdade*, o discurso alegórico é usado para afirmar que a verdade não pode ser obtida por argumentos lógicos, pois todo discurso é circular, e o próprio ato de definir implica um corte na totalidade da experiência. Já em ELEUSIS, Crowley apresenta poeticamente a falência das religiões organizadas e da filosofia racional, contrapondo-as à experiência mística direta — onde *Deus é visto face a face* e a linguagem se cala. A danação de *Porque*, portanto, é a afirmação de uma *gnōsis* solar, além da razão discursiva, onde o êxtase substitui a explicação, e a experiência direta — oracular, mística, poética ou mágica — suplanta o sistema.

Bastante de Porque! é o momento onde o Mago destrói o último ídolo do mentalismo: o apego à razão como critério último da realidade. Ele escolhe a Estrela em vez da equação, o beijo em vez do argumento, o vinho em vez do sermão.

Seja Porque, pois, danado — para um cão.

CONCLUSIO: DE EXECRATIONE CAUSALITATIS ET ASCENSIONE VOLUNTATIS

A danação de *Porque* é o juízo teúrgico contra a idolatria da razão. Essa maldição não é um gesto irracionalista, mas uma fórmula mágica — o gesto da Espada que rompe o laço ilusório entre causa e Vontade. Pois como diz LIBER AL VEL LEGIS, II:30: *Se a Vontade pára e grita Por Que, invocando Porque, então a Vontade pára & nada faz.*

A razão, quando usada como trono, é mentira: *Também a razão é uma mentira; pois existe um fator infinito & desconhecido.* E o destino do próprio *Porque* é a danação: *Bastante de Porque! Seja ele danado para um cão!*

Assim se estabelece a doutrina iniciática da supressão do *Por quê?* como condição do *Faz o que tu queres*. A Vontade pura, livre de cálculo, é o órgão do Ser, não seu efeito. A causalidade — projeção do *ruach* — é desvelada como prisão: *Pois existe grande perigo em me; pois quem não compreende estas runas fará uma grande falha. Ele cairá dentro do mundéu chamado Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão.* (LIBER AL II:27).

Essa lição é confirmada por LIBER VII (I:31), onde lemos: *Pensamento ali; e o pensamento é mau.*¹⁷ Este reconhecimento da mente como raiz do mal não é uma negação da inteligência, mas da discursividade enquanto forma de consciência que separa o sujeito do objeto, o desejo do ato, a estrela de sua

¹⁷ Esse verso aparece no contexto de uma experiência mística de dissolução, onde o narrador — uma voz iniciada, que pode ser identificada com o grau de um Mestre do templo — descreve a ascensão extática em direção ao divino, confrontando os limites do pensamento discursivo. O LIBER VII nessa passagem declara que o pensamento — enquanto operação do *ruach* — constitui obstáculo ao Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardião e à Verdadeira Vontade.

órbita. Ao longo de LIBER VII, especialmente no Capítulo I, essa crítica se intensifica até culminar na entrega amorosa e irracional à divindade, onde a razão é substituída por embriaguez, união, êxtase e silêncio. Assim como em LIBER AL o *Porque* paralisa a Vontade, aqui o pensamento bloqueia a dissolução: a libertação ocorre apenas quando o pensamento cessa — quando o *pensamento mau* é superado pela *união mística*.

Essa doutrina se ancora também em LIBER LXV (I:16-17), onde Adonai afirma: *Como um ácido corrói o aço, como um câncer que corrompe por completo o corpo, assim sou Eu para o espírito do homem. Eu não descansarei até que o tenha dissolvido todo.* Aqui, a dissolução da mente é descrita como condição para a união com o Sagrado Anjo Guardião. A metáfora do ácido é uma imagem precisa: a consciência inferior deve ser desfeita para que a luz se instale. Não se trata de recusar a razão, mas de permitir que ela se submeta àquilo que está além dela — ao Silêncio, à Presença, ao Ser.

Essa doutrina se ancora também em LIBER ALEPH, onde Crowley sistematiza a relação entre mente e Vontade. No Capítulo 130 (*De Ratione Praesidio Voluntatis*), lemos: *A Mente não tem Vontade, nem Direito a ter Vontade, de forma que Usurpação por parte dela causa um fatal Conflito em ti.* E ainda: *Esta pois é a Virtude da Mente, ser o Ministro da Vontade, um verdadeiro Conselheiro, através de sua Percepção do Universo.* Assim, a mente deve ser subordinada como ministra da Verdadeira Vontade, jamais sua usurpadora. A mente passiva, purificada, é comparada a *um espelho* que reflete o mundo *sem Preconceito*. Se toma para si o trono da decisão — se exige um *por quê?* antes de obedecer à Estrela —, gera divisão interna, hesitação, e, finalmente, fracasso mágico.

Ou seja, o *Por quê?* é o instrumento do que analisa, não do que cria. A Verdadeira Vontade não se explica, mas se realiza. A razão pode registrar os rastros da Estrela, mas não pode fazê-la brilhar.

Por fim, LIBER LXV (I:25-26) declara: *Submete teu medo e teu desgosto. Então – entrega-te! E: Tu Me procuraste longamente; [...] Agora Eu estou contigo; Eu jamais deixarei ser.* A libertação final ocorre no abandono da explicação. O Mago triunfa quando cessa de interpretar — e se torna música, vinho, gesto, chama. A Vontade, quando deixa de perguntar, começa a ser. Pois: *Faze aquilo, e nenhum outro dirá não.* (LIBER AL I:43).

Amor é a lei, amor sob vontade



A publicação de Os COMENTÁRIOS DO AL por Marcelo Ramos Motta em 1975 e.v. constituiu um marco definitivo na história contemporânea da A.:A.: e na transmissão moderna da Lei de Thelema. Pela primeira vez desde a morte de Aleister Crowley (1875–1947), LIBER AL VEL LEGIS foi publicado com Imprimatur Oficial da A.:A.:, acompanhado de notas autorizadas e do aparato interpretativo de um Præmonstrator vivo, herdeiro direto da cadeia iniciática. Essa edição não foi apenas um gesto editorial, mas um ato mágico e profético: reabriu formalmente o *Período de Discurso* da A.:A.: e restaurou a sucessão espiritual visível entre Aiwass, Crowley, Karl Germer e Marcelo Motta.



A presente edição de OS COMENTÁRIOS DO AL é publicada como O OLHO DE HOOR, Vol. II, No. 1, e traz de volta, na íntegra, os comentários originais de Motta tal como escritos por ele entre 1973 e 1975 — incluindo os trechos omitidos nas edições brasileiras publicadas até o presente. O livro será acrescido de comentários exegéticos do Præmonstrator do *Outer College Brasil*, cruzando LIBER AL com LIBER VII, LIBER LXV, LIBER 418 e outros *Libri* thelêmicos essenciais, compondo um corpus doutrinário fiel à *Corrente 93*.

Este livro deve ser compreendido como um verdadeiro talismã mágico da *Corrente 93*. Sua publicação original, em 1975, foi considerada o estopim do renascimento mundial da A.:A.:, sendo reconhecida por autores como J. Daniel Gunther como o momento em que *o movimento thelêmico mundial se tornou vivo*.

Esta nova edição honra esse legado, atualizando o comento para uma nova geração de thelemitas em português. Que este volume seja recebido como uma obra ritual, um documento iniciático e um testamento vivo da *Corrente 93*.

